

da visita, foi constatado que o caso se tratava de acúmulo de animais, apresentando uma grande quantidade de cães e muitas sujidades no local. Iniciou-se então o contato com a moradora em questão, com sua empregadora, com a agente comunitária de saúde e a supervisora da Unidade de Saúde da Família para sanar a situação. A moradora era uma mulher de 69 anos, vivia sozinha e trabalhava em São Paulo. Foi efetuado um trabalho intensivo para conscientizá-la e convencê-la da necessidade de redução do número de animais e do aprimoramento e manutenção de melhores condições de higiene do local. No mês de agosto, foi agendada uma data para retirada e castração dos animais, bem como para limpeza do local, executado sob a forma de um mutirão que contou com a participação de agentes da Divisão de Saúde Ambiental, da limpeza urbana e também da Divisão de Proteção à Vida Animal, acompanhados pela assistência social. Foram recolhidos e castrados três cães e seis cadelas, e encaminhados cinco filhotes à adoção. Foram retiradas grandes quantidades de detritos compostos principalmente por fezes, urina, pelos e jornais que cobriam o chão da residência e eram foco de proliferação de pragas e animais sinantrópicos. Foi permitida a permanência de uma cadela mais velha e ligada à moradora para amenizar o trauma da separação com os demais. Após essa primeira ação massiva, houve o comprometimento do acompanhamento mais próximo ao caso. Posteriormente foram realizadas outras ações de limpeza e visitas periódicas. A moradora passou a manter o local sem mais animais. O caso relatado é um exemplo típico de transtorno de acumulação de animais em que a maioria é mulher, idosa, sem base familiar de suporte e com baixa percepção dos danos causados, tendo a sua rotina e saúde seriamente comprometidas pelo transtorno. Os animais não se apresentavam com o estado de saúde debilitado, porém viviam confinados em um espaço restrito e extremamente insalubre, reproduzindo-se sem controle com alta taxa de consanguinidade. Foi constatado que a ação conjunta e articulada de todos os setores envolvidos foi essencial, e a experiência descrita é útil para o tratamento de outros casos semelhantes.

### 32 CONSCIENTIZANDO OS TUTORES DE ANIMAIS SOBRE A DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES

STORTTI, F. F.<sup>1</sup>; NUNES, J. M. S.<sup>1</sup>; CARDOSO, J. N.<sup>1</sup>; SANTOS, M. S.<sup>1</sup>; ANDRADE, F. M.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Docentes do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter). E-mail: fillipe554@hotmail.com.

Uma parcela do abandono de cães decorre de problemas de saúde inesperados pelos tutores, que geram gastos não previstos e modificações da expectativa de um animal saudável. A displasia coxofemoral (DCF) ocorre devido ao desenvolvimento anormal da articulação coxofemoral e é desencadeada por uma predisposição genética. Os animais acometidos pela DCF apresentam alguns sinais clínicos progressivos e quando eles não recebem o tratamento adequado podem perder a movimentação das patas traseiras. Quando o animal é um cão de guarda, a DCF interfere no desempenho de sua função diária, pois o animal tem a sua locomoção prejudicada. A DCF ocorre com maior frequência em raças de grande porte, sendo que no Brasil o Golden Retriever, o Rottweiler e o Pastor Alemão são as três raças mais acometidas pela doença. No ano de 2013, a população estimada dessas três raças no país era de cerca de 15.000 animais, entre os quais espera-se que no mínimo 20% venha a apresentar a DCF. A maneira de detectar a predisposição genética para DCF em animais aparentemente normais é a avaliação dos resultados de raio X de seus parentes, uma vez que quanto maior for o número de animais acometidos na família, maior será a sua predisposição genética, ainda que o animal ainda não tenha apresentado qualquer sinal clínico. Este tipo de conhecimento deve chegar ao público para que ele possa escolher o melhor canil para a compra. Para tanto, como parte de um projeto de extensão universitária foi criado um website ([www.geneticacanina.com](http://www.geneticacanina.com)), com informações gerais sobre o processo de criação de cães, além de uma sessão na qual o usuário seleciona a raça de interesse, dentre treze disponíveis até o momento. A primeira edição do site conta com informações sobre displasia coxofemoral para o Pastor Alemão, Golden Retriever, Bernese, Rottweiler, Bulldogs francês e inglês, Labrador e Dogue Alemão. Ao entrar na área da raça de interesse e clicar no link sobre a doença, o visitante recebe informações que explicam a etiologia da doença em linguagem popular e auxiliam a avaliação da qualidade do trabalho do criador do futuro filhote a ser comprado. Dados do Google Analytics demonstram que desde sua publicação em dezembro de 2016, o site foi visitado por 317 usuários, dos quais 20,7% retornaram ao site. Dentre os visitantes, 35% foram originados de outros

estados do Brasil, o que demonstra a boa capacidade do site para a difundir conhecimento no país. Este tipo de difusão de dados científicos pode contribuir para melhoria da qualidade da cinofilia nacional e para diminuição da prevalência da displasia coxofemoral.

### **33 STATUS EPIDEMIOLÓGICO DA ESPOROTRICOSE NA CIDADE DE PELOTAS, ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

MADRID, I. M.<sup>1</sup>; ECCKER, F. M.<sup>2</sup>; SOUZA NETO, F. M.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Médica-veterinária e doutora em Sanidade Animal do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas.

E-mail: imadridrs@gmail.com.

<sup>2</sup> Médico-veterinário do Programa Residência Multidisciplinar em Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel).

<sup>3</sup> Médico-veterinário da Diretoria de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas.

No Rio Grande do Sul, a esporotricose tem sido descrita com frequência em felinos na região Sul do estado, atingindo mais de sete municípios limítrofes com o maior número de casos concentrados em Pelotas e Rio Grande. Estes dados alertaram o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) do município de Pelotas/RS para a necessidade da implementação de um programa de vigilância e controle da doença devido ao potencial zoonótico particularmente dos felinos domésticos. Esse programa foi delineado para identificar e monitorar as áreas de risco para a esporotricose zoonótica e oferecer o serviço de atendimento e diagnóstico a indivíduos com suspeita da micose. Todos os casos de esporotricose em animais e/ou em humanos, suspeitos ou confirmados, notificados no período de 2013 a 2016 ao CCZ, foram incluídos neste estudo. Uma ficha para coleta dos dados foi preenchida para cada notificação, reunindo os dados do animal (nome, sexo, idade, estado reprodutivo, sinais clínicos, informações sobre o local onde vivia e se havia presença de outros animais sadios/doentes, acesso à rua etc.) e os dados do paciente humano (idade, sexo, ocupação, sintomatologia, forma provável de contágio, local de atendimento, tratamento etc.). Os dados foram avaliados mensalmente quanto ao número de notificações, casos confirmados, fonte notificante entre outros. Nos quatro anos de atividades do programa, foram realizadas anualmente visitas técnicas a estabelecimentos veterinários e de saúde humana para divulgação da doença. No período de estudo foram recebidas 477 notificações de casos suspeitos de esporotricose humana e/ou animal que se concentraram entre os meses de maio a outubro. No total

foram confirmados 58 casos em humanos, 306 casos em felinos e 15 em caninos. Dos casos humanos, 93% estavam relacionados à transmissão zoonótica. A doença ocorreu tanto na zona urbana como na rural, com a maioria dos casos confirmados concentrados em duas regiões distintas do município (não limítrofes) correspondendo a cerca de 80% dos casos. A notificação fornece subsídios para o desencadeamento das ações de vigilância e controle que incluem a investigação epidemiológica e ambiental, busca ativa de novos casos em animais e humanos, além da apreensão e tratamento de animais errantes acometidos pela micose. As ações visam minimizar os riscos zoonóticos da doença e a sua disseminação desenfreada na região.

### **34 ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DA DOENÇA DIARREICA AGUDA (DDA) NO MUNICÍPIO DE ARCOVERDE, ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL**

MIRANDA, T. K. S.<sup>1</sup>; SILVA, W. B.<sup>2</sup>; BRANDESPIM, D. F.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

E-mail: tarsimiranda@hotmail.com.

<sup>2</sup> Médico-veterinário.

<sup>3</sup> Docente e doutor em Medicina Veterinária pela UFRPE.

A Doença Diarreica Aguda (DDA), de ocorrência mundial, apresenta altos índices de prevalência, acometendo indivíduos de todas as idades, principalmente crianças abaixo de cinco anos. A etiologia da DDA pode ser de origem infecciosa (por bactérias, vírus e parasitas) ou não (intolerância a dissacarídeos, proteínas, uso de drogas entre outras), contudo, para a saúde pública, a etiologia de maior importância é a infecciosa, tendo em vista sua relevante importância como causa de morbimortalidade. Clinicamente a DDA é caracterizada pelo aumento no número de evacuações com fezes aquosas ou de pouca consistência com duração de dois a 14 dias, podendo estar acompanhada de vômitos, febre e dor abdominal e, em alguns casos, há presença de muco e sangue. Este trabalho analisou a ocorrência da DDA no município de Arcoverde, estado de Pernambuco, Brasil, durante o período compreendido entre os anos de 2008 a 2012. Foi realizado um estudo epidemiológico descritivo retrospectivo a partir das análises dos dados das 11.234 notificações dos casos de DDA registradas no período de 2008 a 2012 no Sistema de Vigilância Epidemiológica das Doenças Diarreicas Agudas (Sivep/DDA). As informações sobre as bases populacionais por ano foram obtidas do Sistema de Informação de Nascimentos Vivos (Sinasc) de Arcoverde/PE, e os índices pluviométricos foram obtidos do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA). A DDA foi